



FRENTE À SEZÃO A NATUREZA TOMA ESPAÇO EM “SARAPALHA”: UMA ANÁLISE AO CONTO DE GUIMARÃES ROSA

FRONT OF THE SEZÃO NATURE TAKES SPACE IN “SARAPALHA”: AN ANALYSIS TO THE TALE OF GUIMARÃES ROSA

Woshiton Carvalho Almeida¹

Anisio Assis Filho²

Resumo: O Neste artigo – a partir da análise do conto regionalista, “Sarapalha”, autoria de João Guimarães Rosa, busco discutir como a natureza é apresentada na narrativa, compreendendo-a como um aspecto primordial na construção do conto. Objetiva-se perceber como a natureza ganha espaço na obra analisada, visto que, ao passo que a malária se prolifera na região de Sarapalha, é a natureza e seus elementos que se tornam predominantes. Para tanto, para atingir o objetivo proposto, será especificando fragmentos do texto que mostre as descrições da natureza e utilizando como base teórica o estudo de Mônica Angela de Azevedo Mayer, *Ser- tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa*, que traz uma noção sobre o modo como o espaço, sobretudo, regional, é tratado por Guimarães Rosa.

Palavras-Chaves: Sarapalha. Natureza. Regionalismo. Guimarães Rosa.

Abstract: In this article - from the analysis of the regionalist tale, “Sarapalha”, authored by João Guimarães Rosa, I seek to discuss how nature is presented in the narrative, understanding it as a primary aspect in the construction of the tale. The objective is to understand how nature gains space in the work analyzed, since, while malaria proliferates in the Sarapalha region, it is nature and its elements that become predominant. Therefore, in order to achieve the proposed objective, it will be specifying fragments of the text that show the descriptions of nature and using as a theoretical basis the study by Mônica Angela de Azevedo Mayer, *Serão Nature: the Nature of Guimarães Rosa*, which brings a notion about how the space, above all, regional, is treated by Guimarães Rosa.

Keywords: Sarapalha. Nature. Regionalism. Guimarães Rosa.

¹Graduando em Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Jequié. E-mail de contato: woshialmeida@gmail.com

²Possui Mestrado em Letras, Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Atualmente é professor Auxiliar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Jequié. E-mail de contato: anisioassisfilho@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fazer uma análise do conto regionalista, “Sarapalha”, de João Guimarães Rosa, e tem por objetivo discutir como a natureza ganha espaço na narrativa ao passo que a malária (conhecidamente como sezão) se prolifera na região de Sarapalha.

Em “Sarapalha”, a situação de calamidade gerada, trouxe um caos na vida dos moradores locais. O abandono, como consequência disso, permitiu que a natureza, então, ocupasse espaço. Ao redor dos “bons pastos, da boa terra, da boa gente” (ROSA, 2015) que se tinha, novas peculiaridades naturais foram ressurgindo, dando forma e cor ao ambiente local: tronco, ramos, gravetos, coivara; cardumes de mandis apodrecendo; tabaranas vestidas de ouro, encalhadas; curimatãs pastando barro na invernada; jacarés, de mudança, apressados; canoinhas ao seco, no cerrado, cresciam os joás e vinhas urgentes do campo, os passarinhos espelhavam sementes novas, as gameleiras brotavam-se, os morcegos se domesticaram na noite sem fim, enquanto o povoado fechou-se em seu restos, cinzentos de uma tribo de marimbondos estéreis, retratando, assim, a mais pura ação que a natureza reassume sobre o arraial.

A triste imagem de uma fazenda em ruínas, gera desconforto entre os únicos moradores do povoado, Argemiro e Ribeiro, que passam a viver dias sonolentos à espera de sua morte. Nesse sentido, a invasão da natureza sobre o arraial de Sarapalha é absoluta. Ao passo que a sezão vai sufocando todo o povoado, ela encarrega-se de crescer, assumindo novamente seu espaço e se recompondo aos poucos, suprimindo a presença humana no povoado.

Levando em conta essas descrições, este estudo sugere compreender como a história vai tecendo-se a partir das peculiaridades que a natureza se oferece a ocupar na narrativa, visto que, ao se tratar de Guimarães Rosa que a escreve, sendo um dos autores mais criativos do regionalismo, deste, não se pode deixar de falar de sua capacidade geniosa ao construir o ambiente regional no conto.



É por este motivo que versarei, especificamente, de abordar sobre a natureza que toma espaço em “Sarapalha”, no sentido de que, ao se tratar de uma história regional como é o conto, que aborda um repertório de elementos essenciais do sertão, a natureza, enquanto dimensão telúrica, passa a ser primordial na construção da história.

Desse modo, para atingir o objetivo proposto será especificando fragmentos do texto que mostre as descrições da natureza e utilizando como base teórica o estudo de Mônica Angela de Azevedo Mayer, *Sertão natureza: a natureza de Guimarães Rosa (1998)*, que traz uma noção sobre o modo como o espaço, sobretudo regional, é tratado por Guimarães Rosa.

Assim, visto que este estudo propõe mergulhar nos detalhes da natureza que Guimarães Rosa demonstra ter no decorrer da narrativa, sua importância é fundamental para todos aqueles que desejam conhecer um pouco mais como, costumeiramente e grandiosamente, ele buscava construir seu mundo, esse mundo de sentimentos, emoções que se dava, em especial, através do espaço físico, de sua observação voltada para riqueza do espaço-sertão, como as paisagens, o homem sofrido e o contato com a terra.

SARAPALHA: CONTEXTUALIZANDO UM POUCO DE TEORIA

“Sarapalha”, o conto intitulado na obra “Sagarana” (1958), é uma narrativa que representa mais uma das criações fantásticas que Guimarães Rosa ainda em vida escreveu. É fantástica não só no que diz respeito ao desenrolar da história, mas também ao modo como essa trama se entrelaça aos elementos que são construídos ao redor, no caso específico de “Sarapalha”, é o espaço marcado pela relação que se dá entre as personagens e a natureza.

Mayer (1998, p. 16) apresenta que em relação à produção literária de Guimarães Rosa, pode-se dizer que a natureza assume um lugar primordial em seus escritos, visto que, em grande parte, as narrativas “são construídas de modo que a realidade humana se entrelaça com o mundo natural de tal forma que a identidade de cada personagem seja o resultado de uma relação de reciprocidade”.



Sem sombra de dúvida o que marca, na grande maioria, as narrativas de Guimarães Rosa é sua capacidade geniosa de casar a história com o espaço físico e geográfico que são descritos, em especial o sertão, afinal, foi ele mesmo que viveu e conheceu de perto o mundo sertanejo, a vida simples e rude do interior de Minas Gerais. Nascido em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais, teve desde pequeno uma vida interiorana, tendo contato com a terra e com o homem do sertão, de tal modo que hoje todas essas influências estão projetadas em suas obras.

Por isso, não é à toa que em “Sarapalha” Guimarães Rosa dá um significado especial à questão da dimensão telúrica, ou espaço entendido como lugar da terra que, na narrativa aqui discutida, se dá através da natureza que assume papel primordial na trama, por ser ela que acompanha todo percurso da história de ambas as personagens, Argemiro e Ribeiro, e por ser ela também que dá forma ao espaço narrado, através dos elementos naturais que Guimarães procura evidenciar.

Segundo Mayer (1998, p. 20), ela diz que a paixão de Guimarães pela natureza é muito grande e por isso o fato dele saltar páginas e páginas com “citações e descrições de plantas, bichos, rios, morros, lugares, pessoas, auroras, crepúsculos” etc., uma vez que sua forma poética de tratar dessas coisas sempre foram frutos de suas andanças, observações, e vivências pelo sertão a fora. Estudos mostram, como por exemplo o texto de Gunter Lorenz (1994, p. 49), uma entrevista de Guimarães afirmando que “para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano é preciso provir do sertão”.

Talvez seja por isso que hoje podemos pensar o porquê da obra *Grande-sertão: veredas* ser considerada uma das obras mais significativas da literatura brasileira. E isso não é diferente para o que é apresentado em “Sarapalha”, já que Guimaraes busca também trabalhar o riquíssimo espaço do sertão no conto, abordando, sobretudo, as descrições dos elementos naturais, como a terra rica, as paisagens, os seres presentes nela, a vegetação e tantos outros elementos que são marcantes no decorrer da narrativa.



Por tal discussão apresentada, nesse momento podemos então olhar mais especificamente para a análise do conto “Sarapalha”, objeto de estudo deste presente artigo, do qual será possível perceber como frente à seção a natureza toma espaço no conto analisado.

SARAPALHA: UMA ANÁLISE DO CONTO

Como anteriormente discutido, o conto “Sarapalha” apresenta-se riquíssimo no que diz respeito à presença de elementos naturais, isso porque, se tratando de Guimarães Rosa, percebe-se que uma de suas qualidades, quanto à produção literária, é não cessar de descrever os ambientes, lugares, experiências e observações que lhe cercavam. Por isso, não se pode esperar menos que uma construção fascinante da parte de Guimarães ao conto intitulado “Sarapalha”, visto que, o que se apresenta além da história contada, é uma descrição grandiosa da natureza que passa a ser primordial no conto narrado.

“Sarapalha” é uma narrativa que nos conta a história da disseminação da “sezão” (febre/malária) em um povoado localizado no vau de Sarapalha, às margens do Rio Pará, Minas Gerais. A malária é um dos elementos desencadeadores da trama, pois apresenta-se como causadora da fuga dos moradores do arraial e, conseqüentemente, conta-nos a história das únicas pessoas que permanecem no povoado, Argemiro e Ribeiro.

Argemiro e Ribeiro, personagens principais da obra, vivem dias ociosos à espera da morte, tanto em reflexo da malária que assolava a região como em função do único amor que partiram de suas vidas: Luísa, esposa de Ribeiro e por quem Argemiro também era apaixonado que, após sua partida, restam-lhes, em todo esse caos, apenas a fazenda que ia terminalmente se acabando e a companhia de Ceição (a preta velha que cuidava dos afazeres da casa) e jiló (o cachorro fiel que acompanhava ambos primos).

A importância de se pontuar a história primeiramente, torna-se como ponto de apoio para que possamos entender como a natureza ganha espaço no conto na mesma proporção que a malária avança no arraial, uma vez que,



com o abandono gerado no povoado, é ela que se mostra cada vez mais sobrevivente e ocupando todo o entorno de Sarapalha.

Tomando como base a abertura do conto, já é possível perceber que o narrador começa apresentando a natureza que assume seu espaço no início do conto. Relata-se que ao redor de um povoado chamado Sarapalha encontra-se casas, sobradinho, capela, três vendinhas, o chalé e o cemitério em completo estado de abandono em função da estação ocorrida no local, onde as ruas não são mais ruas e muito menos estrada, pois o mato se encarregou de ocupá-los.

Tal escolha pela descrição do “mato” já nos antecipa a ideia de sentimento de abandono que é apresentado, visto que, normalmente, quando um lugar deixa de ser habitado pela presença humana, sobretudo, um povoado regional, o que torna predominante são os elementos naturais que permanecem e busca fazer desse lugar novamente o seu espaço.

Na narrativa descrita, encontra-se a paisagem reforça muito esse sentimento, pois o reflexo gerado pela estação faz com que o povoado se torne inóspito à sobrevivência dos moradores, à medida, então, a natureza ganha força com seus elementos, como o rio que pouco a pouco vai se abaixando

“devagarinho, deixando poços redondos num brejo de cisos: troncos, ramos, gravetos, coivara; cardumes de mandis apodrecendo; tabaranas vestidas de ouro, encalhadas, curimatãs pastando barro na invernada; jacarés, de mudança, apressados; canoinhas ao seco, no cerrado; e bois sarapintados, nadando como búfalos, comendo o mururê-de-flor-roxa flutuante, por entre as ilhas do melosal” (ROSA, 2015, p. 2015).

A presença da natureza é marcante, ela vai ocupando os mais variados espaços onde não existe mais a presença dos moradores no povoado “as terras não valiam mais nada. Era pegar a trouxa e ir deixando, depressa, os ranchos, os sítios, as fazendas [...]” (ROSA, 2015), ao passo, então, que as peculiaridades da natureza vão surgindo, como

“os caules ruivos no baixo das cercas das hortas apontando (...), o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua, tangeram-na de volta (...) porque no quintal os joás estavam brigando com o espinho-agulha e com o gervão em flor (...) e vinham urgentes, do campo — ôi-ái! — o amor-de-negro, com os tridentes das folhas, e fileiras completas, colunas espertas, do rijo assa-peixe. Os passarinhos espalhavam sementes novas. A gameleira, fazedora de ruínas, brotou com o



raizame nas paredes desbarrancadas. Morcegos das lapas se domesticaram na noite sem fim dos quartos, como artistas de trapézio, pendentes dos caibros. E aí, então, taperização consumada, quando o fedegoso em touças e a bucha em latadas puderam retomar seu velhíssimo colóquio, o povoado fechou-se em seus restos, que nem o coscorão cinzento de uma tribo de marimbondos estéreis” (ROSA, 2015).

É possível observar que Guimarães tem pleno domínio sobre a descrições que faz, pois, o espaço tratado no conto demonstra claramente isso, o quanto ele conhece e explora dos elementos que a compõem. A paisagem tipicamente do sertão mineiro é marcante no conto (não se tratando do sertão castigado e semiárido) e, por isso, percebe-se uma fidelidade muito grande nas coisas que são apresentadas, como, por exemplo, a vegetação rica, incluída pela presença de plantas, arvores de pequeno porte que são conhecíveis para Guimarães.

Nota-se também a presença de animais tipicamente adaptados ao ambiente, além de uma grande diversidade de pássaros e insetos, etc. que vão sendo abordados na narrativa, sem contar ainda a apresentação do rio São Francisco que corta toda região, dando-nos a entender que além de ser um lugar mais ameno, as terras eram prósperas para as colheitas em função de seu abastecimento. “Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar” (ROSA, 2015).

A natureza por si só tem vida própria, ela ganha força e forma em meio aos reflexos que se dão ocasião. Nesse sentido, pode-se pensar que ela não é tratada nem como cenário nem como pano de fundo, pois, o que se apresenta é uma forma mais natural possível no conto, a natureza está em comunhão com a história narrada, mas ocupa um lugar autônomo, que é de ir ocupando aos poucos o espaço da região de Sarapalha e reassumindo novamente o lugar que sempre lhe pertenceu.

A trama que é tecida pela história de primo Ribeiro e primo Argemiro nos mostra claramente isso, a natureza que acompanha a vida de ambos personagens. Na fazenda, o lugar em que os dois vivem, o narrador apresenta a deterioração que acontece na propriedade, mostrando a deprimida imagem de uma fazenda em ruínas, totalmente deixada às pragas, descrita pelo mato que cresce, pelos os pés de milho que vão cercado ao redor da fazenda e da



casa, e o local onde os primos acompanham ociosos a ação das mutucas, muriçocas e mossorongos, os transmissores da malária, esperando que morte chegue logo.

Enquanto os dias correm sempre iguais para ambos primos que esperam a hora da morte, percebe-se que até nisso a natureza se faz presente, quando, em meio a maleita que assola cada vez mais a saúde de ambos primos, observa-se de um outro lado os pássaros que aguardam ansiosos por esse momento, para, assim, poderem atacar livremente as roças.

“O passopreto, chefe dos passopretos da margem esquerda, pincha num galho de cedro e convoca os outros passopretos, que fazem luto alegre no vassoural rasteiro e compõem um kraal nos ramos da capoeira-branca. Vão assaltar a rocinha; mas, antes, piam e contrapiam, ameaçando um hipotético semeador”. (ROSA, 2015).

É notória a grande diversidade que vai cercando todo o arraial, e mais visível ainda quando a sezaõ avança sobre os corpos dos personagens, que já fracos, sem forças para viver, desiludidos do único amor que partiu de suas vidas (Luísa) e completamente dominados pela maleita, passa a ser predominante a natureza, que se encarrega mais uma vez de reforçar a triste realidade que vive Argemiro e Ribeiro, como se não existisse outra certeza a não ser esperar a morte. Tal exemplo pode ser visto no final da trama, quando Ribeiro descobre que seu único amigo lhe desonrou (Argemiro), acontecendo que o narrador começa a descrever poeticamente como a natureza faz parte daquele momento de desfecho da separação entre os dois primos.

Argemiro, já expulso da fazenda reúne suas forças e anda, nisso “transpõe o curral, por entre os pés de milho. Os passopretos, ao verem um espantalho caminhando, debandam, bulhentos” (ROSA, 2015), no meio do caminho estremecem, amarelas, as flores da aroeira, os caules rosados da erva-de-sapo se arrepiam, com a presença também das erva-de-anum longas como folhas de mangueira, dos ramos da vassourinha, da mamona de folhas peludas, da pitangueira e dos açoita-cavalos que derrubam frutinhas fendilhadas, enquanto que Argemiro exclama, “mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p’r’a gente deitar no chão e se acabar! ” (ROSA, 2015).



É sem sobra de dúvida que a natureza é empregada no conto de forma geniosa por parte de Guimarães, que demonstra todo seu conhecimento rico sobre o sertão nos inúmeros momentos presente no conto. Isso pode ser visto, por exemplo, na própria apresentação do povoado de Sarapalha: a terra que se mostra inóspita aos homens, mas apresenta condições favoráveis à natureza e através das plantas, árvores, animais, etc. vão preenchendo todo o espaço do arraial.

Pode ser visto também essa riqueza da natureza comprovada nos diálogos entre as personagens, sendo possível identificar os detalhes que Guimarães busca para descrever a natureza, como também na própria trama, a história de Argemiro e Ribeiro percebemos a natureza que os rodeiam, reforçando a ideia de total abandono do povoado, em que, na falta da presença humana no local, é a natureza que junto a seião toma espaço total em Sarapalha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orientado pela questão que originou este breve estudo, analisando como a natureza se fez presente no conto Sarapalha e baseado na discussão e análise do mesmo, expôs-se, neste trabalho, as contribuições da narrativa por uma Literatura Regionalista.

De uma maneira ampla, sabemos que Guimarães Rosa contribui muito com a valorização dessa literatura, sendo marcante como, através de suas experiências vividas, ele nos deixa hoje, por meio de seus escritos, o modo como ele observava o sertão, o homem sertanejo e sua relação com o meio. Sem dúvida que Guimarães respirava o sertão e, por isso, tanta ousadia de sua parte em querer colocar em palavras os sentimentos mais especiais para retratar seu lugar de pertencimento.

O mundo natural, como abordado no conto, é parte integrante desse sentimento especial que Guimarães traz para falar do sertão. Percebe-se em Sarapalha, que a natureza se apresenta como espaço vivo da narrativa, assume um lugar especial, recheado de significados que, se colocado como



observação, é superior ou até mais interessante do que a própria história narrada. No conto, nota-se que ela se faz presente desde o início ao final da narrativa, com descrições que o torna fascinante. Isso se dá, justamente, pelo o conhecimento profundo que Guimarães carregava em relação às riquezas do sertão.

No conto, temos a narração que enquanto a sezaõ avançava e a morte rondava os homens, Argemiro, Ribeiro e os moradores locais, a natureza é mostrada como a que se enche de vida, simbolizando a beleza, simplicidade e o poder da terra do sertão. A escolha pelos os elementos naturais (tipicamente do sertão mineiro), a vegetação rica, plantas, arvores, os diversos tipos de animais, insetos, pássaros só reforçam ainda mais isso, o quanto a natureza está presente em cada detalhe do conto e o quanto ela, enquanto dimensão telúrica, é especial para Guimarães.

Assim, ao discutir este estudo, pode-se concluir que pouco foi dito sobre os personagens ou a história narrada, ficando, dessa forma, a natureza como algo muito mais presente (ou maior citado) na narrativa. Embora o conto queira retratar como era as coisas do século XX, o homem sertanejo, suas situações de precariedade, a migração constante do povo sertanejo para cidade, a falta de oportunidades, as diversas doenças do período, a falta de recurso etc. o que fica, especificamente, aqui, é um outro olhar: que é voltado, sobretudo, para natureza e sua riqueza presente em “Sarapalha”.

Até aqui fica evidente que o presente conto analisado abre brechas para que novos estudos sejam construídos, de forma que, o que propus neste breve estudo foi discutir como a natureza foi apresentada na narrativa, compreendendo-a como um aspecto primordial na construção do conto. No entanto, novos estudos são também primordiais, uma vez que o universo que é apresentado no conto “Sarapalha” é riquíssimo, necessitando que outras ideias sejam também abordadas.

REFERÊNCIAS

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 1. p. 27-61.



MEYER, Mônica Angela de Azevedo. **Ser-tão natureza:** a natureza de Guimarães Rosa / Mônica Angela de Azevedo Meyer. Campinas, SP: 1998.
ROSA, João Guimarães, 1908-1967. **Sagarana** / João Guimarães Rosa; [Ed. especial] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos).